

Jornal laboratório do curso de Jornalismo
da Universidade Católica de Pernambuco | Unicap

O BERRO

Foto: Nathalia Wricks

A nova e a velha infância

Quando se é criança, tudo é novo. São os anos de maior aprendizado, dos pequenos tropeços e acertos. Tempo de imitar ou discordar dos mais velhos. Aceitar, inocentemente, o mundo ao redor. A criança vira um baú de perguntas, um armário de frases ditas no erro, à risca. É o tempo de inventar um mundo próprio. E sempre foi assim. Mas muito mudou. Os adultos também inventaram um novo mundo. E a “nova infância” agora é repleta de empreendimentos. São casas de festa, escolas especializadas, propagandas, produtos televisivos, tudo destinado ao público infantil. É, de fato, um mundo novo. Cheio de *touch screen*, computador, celular, videogame... Mesmo assim, há resistência. Ainda restam os velhos brinquedos? Que peças os pequenos estão vendo? Que livros leem? E a alimentação dessa meninada? Parece que o baú de perguntas não se fechou com o passar dos anos. Nessa edição de O Berro, tentaremos responder alguma delas, resgatando a infância de ontem e mostrando como vivem as crianças atualmente.



Um novo tipo de solidão

THIAGO HANKEN

Uma mesa de jantar, comida, pratos acompanhados de pai, mãe, duas filhas. Uma cena rotineira que se distingue apenas por um aspecto: o silêncio. A educadora Cláudia Batista, mãe de duas filhas, ambas com 23 e 21 anos, constata a triste realidade ao refletir sobre a sua vida familiar: “me sinto sozinha em minha própria casa.”

A razão desta solidão se deve ao uso excessivo de aparelhos eletrônicos com acesso a internet pelas filhas dela durante eventos familiares, como um jantar.

A educadora faz o esforço de conversar com suas filhas, no entanto, se sente ignorada por redes sociais e celulares: “Minhas filhas me pedem para esperar, já os amigos da rede social não podem. Há sempre a questão da ‘despedida’ na rede social e isso me deixa frustrada”.

Cláudia representa a voz de muitas mães, que se sentem abandonadas quando os filhos dedicam a maior parte do tempo livre acessando sites, jogando, ou simplesmente navegando na internet.

A Cônsul dos Estados Unidos no Recife, Usha

Pitts, mantém uma postura mais rígida a respeito. “Meus filhos entram na internet em horários em que eu possa monitorá-los. Eles não têm a p a r e l h o s com conexão WiFi. Não quero que eles substituam a vida real pela virtual.”

Mãe de um menino de 11 e uma menina de 7, a diplomata é categórica quanto ao controle do uso da internet

pelos filhos. “Todos os pais devem controlar e limitar o acesso que seus filhos têm

à tecnologia para que o uso não se torne abusivo. Eu desejo que meus filhos se concentrem em leitura, brincadeiras mais lúdicas e que possam interagir mais com outras crianças”.

“Os pais devem controlar o acesso que seus filhos têm à tecnologia, para que o uso não se torne abusivo” - Usha Pitts, Cônsul dos EUA.

Ambos os casos citados nessa reportagem são distintos pelas reações dos

pais. No entanto, cada um deles enxerga a necessidade do acesso dos filhos de forma natural. O excesso, porém, pode ser combatido através da educação e é de total responsabilidade dos pais exigir dos filhos outra postura.

Usha acredita em planejamento e mantém sua postura firme quando se trata de seus filhos. “O limiar entre permissividade e abuso da tecnologia não é matemático. Cada pai, mediante planejamentos, sabe como melhor lidar com as escolhas de cada filho. Eu acredito que a chave é a disciplina.”

O resgate da infância criativa

NATHALIA WICKS DE ALMEIDA

“Cresci andando no chão, entre formigas. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.” É com essas palavras que o poeta matogrossense Manoel de Barros relembra o tempo em que era criança, escritas no prefácio do seu livro *Memórias Inventadas - A Infância*. É a partir dessa experiência que ele se vale da prosa poética que lhe é característica para escrever pequenos contos sobre o tempo em que os pequenos construam seus próprios brinquedos.

É com esse perfume nostál-



Foto: Nathalia Wicks

CRIATIVIDADE As brincadeiras antigas incentivam o lúdico

e olho no mundo atual que se pensa sobre a visão pueril e poética da primeira infância. Os hábitos mudaram, a tecnologia fez sua parte e a amarelinha, ciranda e tardes de pintura

foram sendo esquecidas em um vão de coisas perdidas. Mas, indo de encontro aos novos jogos 3D, ainda existe quem cultive hábitos simples e celebre o brincar, onde pequenos

objetos viram grandes histórias.

Em uma casa com jardim no bairro de casa forte, Tom Caldas, de apenas 5 anos, aprende com a mãe, a figurinista de cinema Bárbara Cunha, a importância das brincadeiras que estimulam a imaginação. São pequenos e simples atos que motivam o desenvolvimento cognitivo dele, acredita a mãe. “Morar em casa é um privilégio hoje em dia. Ele brinca no quintal de peteca, peão, corre-corre, sobe em árvores, tem balanço, pisa no descalço no chão, brinca de jardineiro plantando sementes e mudas”, conta Bárbara, que limita o acesso à televisão em uma hora e meia por dia.

O estímulo para que as crianças sejam inseridas em um universo educativo e ao mesmo tempo brincante vem de vários lados. É buscando

esses detalhes que algumas escolas do Recife adotam uma abordagem focada nas relações humanas.

O Instituto Capibaribe, que tem como um dos seus fundadores o educador Paulo Freire, surgiu se contrapondo ao ensino centrado no conteúdo e sugerindo uma escola que tivesse em mente educação integral e ligada às artes. Nesse ambiente, crianças de 2 a 6 anos, do ensino infantil, têm o brincar como parte do cotidiano. “A recreação é legitimada por nós como proposta e considerada sagrada no nosso convívio. Nessa faixa etária, a maior necessidade é socializar, brincar e desenvolver as habilidades. Atividades lúdicas favorecem a criatividade, o senso de movimento, o respeito pelo próximo e a construção de ideia de mundo”, afirma a coordenadora da unidade, Maristela Muniz.

EXPEDIENTE

O BERRO

O BERRO é uma publicação da Disciplina Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

Rua do Príncipe, 526 - Boa Vista - Recife-PE 50.050-900
CNPJ 10.847.721/0001-95 Fone: (081) 2119.4000
Fax: 81 2119.4222 | site: www.unicap.br/oberro

Coordenador do Curso de Jornalismo
Juliano Domingues

Professor Orientador
Fabiola Mendonça

Subeditores
Bernardo Valença
Tayza Lima

Repórteres
Bernardo Valença

Ellen Cocino
Felipe Piauilino
Hercules Liberal
Leila Jinkings
Leonardo Lucena
Lilian Nunes
Lis Veras
Nathália Wicks
Natasha Falcão
Pollyana Pereira
Priscilla Costa
Raisa D'Assunção
Rebeca Silva

Tayza Lima
Thiago Hanken

Revisão
Fernando Castim

Diagramação
Flávio Santos

Impressão
FASA

Baixe a versão digital de O Berro.



1. Abra o leitor QR Code em seu celular; 2. Foque o código com a câmera; 3. Clique em Ler Código para acessar os conteúdos. Caso não tenha o leitor no seu celular, baixe em: <http://getreader.com/>

Um mundo inteiro de fantasia nos livros

TAYZA LIMA

Animais falantes, princesas e príncipes, feitiças e florestas encantadas. São esses os ingredientes das histórias mais emocionantes já contadas. Que menina não quer ser acordada com um beijo, tal qual a Bela Adormecida? Que menino nunca berrou como o Tarzan? Quem não quer ter super poderes? Aventuras assim, só a imaginação e a literatura permitem.

Ouvir e ler histórias é entrar em um mundo repleto de surpresas. Os personagens penetram no imaginário, permitindo a descoberta de novos universos e despertando o que há de irreal no inconsciente.

Que o diga a professora Cybelli Cavalcanti, 30, que dá aula para crianças no Centro Educacional Daniele Alves, em Paulista. “Sempre me envolvo quando vou contar uma história. Gosto de imitar



Foto: Tayza Lima

SONHO Princesas e heróis encantam as crianças

vozes, fazer expressões”, confessa Cybelli, mãe de Heloísa e Livia Cavalcanti, de 6 e 4 anos.

PRIMEIRO CONTATO

Os contos de fadas são os preferidos da meninada. As bruxarias e romances conquistam as crianças, que gostam de se imaginar no lugar dos heróis e mocinhas. Aluna do Jardim 2, Livia Cavalcanti adora Alice, a do País das

Maravilhas. “Tenho um coelho branco que sempre olha o relógio. E ele fala!”, declara a menina, surpreendida.

As lendas também são lembradas e pedidas. Ainda com as letras trocadas, a pequena Maria Laura, de 4 anos, gosta do faz-de-conta de sereia Iara. E defende seu eu-lírico: “Ela tem rabo de peixe e passa o dia dentro do mar”, conta.

Apesar de a atração pelos

livros partir da própria criança, algumas atitudes ajudam a incentivar o gosto pela leitura. O manuseio do objeto é uma delas. “Eles gostam de pegar nos livros, olhar as imagens”, diz a professora Cybelli.

O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, nas histórias para dormir. A empresária Fernanda Oliveira, 35, lembra as narrativas que contava ao filho, Gabriel, de 8 anos. “Ele adorava quando a história era sobre um menino de 3 anos que se chama Biel (apelido dele). Sempre queria participar”, diz.

BRINCADEIRA SÉRIA

A possibilidade de explorar universos diferentes é um incentivo ao desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança, pois quando ouve histórias, passa a vivenciar sentimentos que têm em relação ao mundo. Assim, a literatura infantil é um caminho

que desenvolve a imaginação e as emoções de forma prazerosa e significativa.

A psicopedagoga Isadora Jinkings, 37, reforça a ideia de que os contos trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medo, carinho, curiosidade. “No conto da Branca de Neve, o ódio pela madrasta é a forma que vemos nossa mãe às vezes: invejosa, rival no amor paterno, aliviando sentimentos que a criança carrega”, explica.

O contato com a leitura oferece a oportunidade de perceber o mundo, apontando valores e relações comportamentais. “Através da leitura, a criança adquire uma postura crítico-reflexiva extremamente relevante à sua formação”, esclarece Isadora. Em outras palavras, os contos e fábulas, enquanto divertem, enriquecem o aprendizado e favorecem a descoberta da própria personalidade.

O reino encantado de Lobato

LEILA JINKINGS

Nise Azevedo, professora, tinha encontro marcado com a avó Laura todas as tardes. Por volta das 16h, lia os livros de Monteiro Lobato. “Era mágico. Ficávamos hipnotizados com aquela voz doce, de onde saíam as aventuras. Ficamos íntimos do pessoal do Sítio e eu tinha muita empatia com a personagem Narizinho”, relembra Nise.

Inspirada na avó, ela também contou as histórias aos filhos. Leu para eles *Histórias de Dona Benta*, *Fábulas*, *Aritmética da Emília*, entre outras obras de Monteiro Lobato. Ao se alfabetizarem, os filhos de Nise foram iniciados ao mundo da leitura. À filha mais velha, Yasmim, a indicação foi *Reinações de Narizinho*, enquanto para o menino Igor, *Caçadas de Pedrinho*, o garoto que não tem medo de nada — só de abelha.

O escritor Monteiro Lobato é mais conhecido, hoje em dia, pela série de televi-

são Sítio do Pica-Pau Amarelo, lançada em 1952 pela TV Tupi e, posteriormente, adquirida pela Rede Globo. As gerações de 1950 a 1970, no entanto, conviveram na intimidade com os personagens de Lobato.

Reinações de Narizinho foi o primeiro livro infantil brasileiro, lançado em 1931. Junto com a publicação, nascia Dona Benta, Narizinho, Tia Nastácia, Emília, Pedrinho e Visconde de Sabugosa, personagens centrais do Sítio do Pica-pau Amarelo, um lugar mágico de onde partem aventuras extraordinárias nas 26 obras legadas por Lobato.

Em *Reinações de Narizinho*, o autor dá personalidade e voz própria aos personagens, com muita fantasia e imaginação. A menina Lúcia, a Narizinho, vive a primeira aventura no fundo do rio que passa pelo sítio da avó, Dona Benta. No Reino da Águas Claras, ela conhece “gente” interessante como aranhas, camarões e caramujos, encontra persona-

gens que fogem dos contos da Carochinha, como Pequeno Polegar e Peter Pan

Emília, no início da história, é “uma bonequinha de pano que Narizinho carregava para todo canto”. Ao tomar a pílula falante do Dr. Caramujo, começa a falar sem parar e vira a boneca atrevida que, aos poucos, se torna o personagem mais prestigiado pelo autor. Emília é o alter ego de Lobato: questiona tudo, desafia poderosos e quer mudar o mundo.

VISIONÁRIO

Monteiro Lobato foi um visionário: Visconde de Sabugosa quem achou o petróleo brasileiro (“O Poço do Visconde”), antes da campanha “O Petróleo é Nosso”, abraçada pelos nacionalistas. Os netos de Dona Benta têm formação humanista. Nos capítulos iniciais de *Reinações de Narizinho*, o Dr. Caramujo, na falta das pílulas falantes, utilizaria uma “falinha de papagaio”, tirada do animal. Na-

Foto: Wikipedia



LEGADO A turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo

rizinho recusa e diz que, nesse caso, preferia ver a boneca muda para sempre.

As fábulas falso-moralistas de La Fontaine foram adaptadas por Lobato, no livro *Fábulas*. A espreitada Emília faz justiça na história a “Cigarra e a Formiga” (em que La Fontaine faz parecer que o lazer e a arte são vagabundagem), e a cigarra é acolhida pelas formigas, agradecidas por ela ter animado seus dias durante o verão. Emília reflete sobre direito à preguiça e ao ócio criativo muito antes de Do-

menico De Masi (Direito ao Ócio).

A “chave do tamanho”, o “pó de pir-lim-pin-pin” (quem o cheirasse se transportava para qualquer lugar), o “faz-de-conta” e outras fantasias do imaginário criativo de Lobato, só mais tarde foram aproveitados em filmes e livros.

Monteiro Lobato é o mais importante escritor da literatura infanto-juvenil da América Latina. Inspirou, e ainda inspira, aqueles que escrevem para crianças.

Na contramão do convencional

LILIAN NUNES

As escolas atuais tornaram-se um reflexo da concorrência. No entanto, esse modelo é antagônico, pois ao mesmo tempo em que procura mostrar índices de produtividade e desenvolvimento para que o aluno esteja apto a competir no mercado de trabalho, deve educá-los para uma sociedade mais igualitária e solidária, propiciando uma aquisição de valores e cidadania.

Entretanto, nos últimos anos, metodologias diferenciadas de ensino, conceitualmente pouco difundidas, têm sido abordadas nas escolas do Recife. Nelas, as avaliações são um processo contínuo, em que não se mede a aprendizagem por meio de provas e notas, mas acompanha todo o progresso do aluno, diferente do que propõe o sistema tradicional de ensino.

O Instituto Capibaribe é o exemplo mais antigo da cidade, criado em 1955, seguindo a ideologia de Paulo Freire e Raquel de Castro. A proposta da escola se adapta ao tempo, e sempre tenta promover nos alunos a reflexão e a argumentação, assim como o exercício da autonomia.

De acordo com a coordenadora Maristela Barros, “a escola



BRINCADEIRA Crianças encontram na escola um espelho do próprio lar'

oferece para as crianças um lanche coletivo que visa a estimular um hábito alimentar mais saudável. Essa comida é feita sob a orientação de uma nutricionista, que considera as necessidades de cada grupo e o valor nutricional do que será servido.”

Outro exemplo de escola diferenciada é a Waldorf Recife, que surgiu em 1999 na cidade, e conta com uma pedagogia de origem alemã. O respeito à individualidade de cada criança e o desenvolvimento dos seus próprios talentos e capacidades, levando em conta o temperamento e tempo de aprendizado de cada um, são as prin-

cipais características da escola. A Waldorf também procura aproximar o ambiente escolar ao da casa da criança.

Segundo a professora Janise Paiva, “muitos ficam receosos com o futuro dos filhos, e se questionam quanto ao método.” No entanto, uma pesquisa realizada em 2007, por Wanda Ribeiro e Juan Pablo de Jesus Pereira - Sete Mitos de Inserção do Ex-aluno Waldorf, mostra estatisticamente a inserção social dos alunos Waldorf e comprova que o ensino capacita os alunos não só para a universidade como também para o mercado de trabalho.

Educação ambiental começa na infância

LEONARDO LUCENA

Crianças gostam de correr descalças, brincar com areia, tomar banho de chuva e de mar. Por serem mais abertos a essas atividades, a relação dos pequenos com a natureza é mais intensa e espontânea, e, por isso, a preocupação e os cuidados com o meio ambiente devem ser incentivados desde a infância.

Chamar a atenção das crianças para o tema não é uma tarefa simples, se levarmos em consideração apenas as conversas. A psicóloga Vanessa Malta explica que o dinamismo na forma do ensino é fundamental para a conscientização da criança. “O ideal é agregar diferentes brincadeiras, exposições, palestras e filmes voltados para a infância, aumentando a possibilidade de o jovem se sentir atraído, já que se aproxima da linguagem deles”, explica Vanessa.

Nesse sentido, o papel das institui-

ções de ensino é essencial, e já posto em prática por algumas delas. É o caso da Escola Terceiro Milênio Objetivo, no Espinheiro. A supervisora do en-

“O ideal é agregar brincadeiras, exposições, palestras e filmes voltados para a infância, aumentando a possibilidade de o jovem se sentir atraído” - Vanessa Malta, psicóloga

sino fundamental 1, Simone Nascimento, utiliza fotografias e palestras, entre outros recursos, para tratar do tema. “Criamos até peças de teatro,

nas quais o meio ambiente está presente no roteiro”, esclarece.

Em todo caso, é melhor prevenir em vez de remediar. Entretanto, não é bem assim que acontece na escola onde Simone trabalha. “As crianças se mostram dispostas a recolher o lixo jogado no chão. No entanto, na hora de tomar medidas preventivas, elas não se envolvem tanto quanto deveriam”, conta.

A discussão a respeito do cuidado com o meio ambiente se tornou mais presente para os jovens a partir dos anos 1990, entrando com todo vapor pelo século 21. Antes disso, não era comum que aparecesse, nem nas escolas e tampouco na mídia, a preocupação com o bem-estar natural e os problemas que a falta de atenção a ele poderiam causar. Isso talvez explique os impactos catastróficos que a sociedade vive por conta da falta de estímulo em debater a relevância deste tema.

Yoga não é só para gente grande

NATASCHA FALCÃO

A yoga é uma prática física, mental e espiritual, de equilíbrio e disciplina. Do sânscrito, significa “controlar”, “jungir” ou “unir”. Mas, quem poderia imaginar que essa ciência milenar, aparentemente tão “sisuda”, tem praticantes tão miúdos?

A figurinista Bárbara Cunha descobriu os benefícios da atividade para crianças ao observar os resultados de “brincar de yoga” com o filho, Tom, de 5 anos: “Quando ele estava bravo, triste ou agitado, a gente sentava em lótu e respirava lentamente. Ele logo se acalmava”, diz. A partir de então, Bárbara, praticante da técnica há oito anos, pôs em prática o desejo de espalhar a yoga para mais e mais pessoas, especialmente para as pequenas pessoas.

A yoga para crianças têm recursos lúdicos que facilitam a aprendizagem das técnicas e ássanas (posturas). Relacionando-as com animais e com elementos da natureza, as aulas tornam-se divertidas, estimulando ainda mais o interesse dos pequenos pela prática.

São inúmeras ássanas com diversos benefícios, tais como a posição da árvore, ou Vrikshásana, que trabalha o equilíbrio e a concentração. Outras posturas, como o corvo ou Kakasana, trabalham a confiança. Já a ponte, ou Urdhva Danurasana, ajuda no desprendimento e na amorosidade, com a expansão e abertura do peito.

Praticar yoga deixa o corpo mais forte e flexível. Desenvolve a saúde dos sistemas digestivo, endócrino e principalmente o respiratório, pois ensina a respirar “corretamente”. Favorece a concentração, disciplina e postura, que são importantes elementos para o bom desempenho escolar da criança.

Se existe idade ideal para iniciar? Sim, a partir dos quatro ou cinco anos de idade, quando os pequenos já compreendem bem o que é pedido e já estão com os ossinhos mais firmes para fazer as torções e inversões pedidas nas aulas. “O objetivo primordial da yoga é possibilitar um encontro com sua verdadeira essência, ajudando a viver o aqui e agora, a ter consciência de si nesse mundo, desenvolvendo qualidades da alma como a calma, a paz, a alegria e o amor... Tudo isso regado a muita brincadeira!”, finaliza Bárbara.

Uma infância de papel e tinta



Foto: Bernardo Valença

ARTE Há quase 60 anos a Escolinha atravessa gerações, melando muitas mãozinhas com barro e guache

BERNARDO VALENÇA

É uma quinta-feira, dia em que Guilherme, de 8 anos, vai à Escolinha de Arte do Recife. No domingo seguinte, seria o dia das mães, e ele rascunha alguns corações no papel.

“Não sei fazer”, reclamava de que estariam magros demais. “É o coração de uma pessoa magra”, a professora Alvaneide Carvalho tenta amenizar. Mas não adianta. “Vou fazer de lápis e depois cubro”. Eis a solução! E a professora concorda.

Guilherme desenhou um coração vermelho, dando língua para cima, acompanhado de seis sois amarelos e outros seis corações pequenos e rechonchudos.

O colega João, 7 anos, ao lado, nem notava. Pintava atento à segunda tela que fazia para a mãe. A primeira, exhibe orgulhoso: “é um golfinho rosa atrás de um ovo verde”. Guilherme confessa: “não entendi nada”.

Alvaneide conta que não dá palpites no que a criança quer pintar, mas sugere novas formas ou materiais diferentes, ajuda em algumas escolhas. “Aqui eles podem comentar o trabalho de todos, mostramos algumas obras de referência, mas eles são livres para dizer se gostaram ou não”, diz a arte educadora, uma das três funcionárias do local.

A escola já teve seus dias de glória. Eram 20 professores, cerca de 40 funcionários. Hoje são seis pessoas, contando com os voluntários. “Tiro do meu bolso para ficar aqui”, confessa o diretor Everson Melquiades. A única época em que a escola ainda arrecada bem é nos cursos de férias. Tira quase R\$ 8 mil só no mês de julho. De maio para junho, quase não deu para pagar os funcionários.

Prestes a completar 60 anos,

a Escolinha de Artes da Rua do Cupim, ou do Recife, tem apenas 14 alunos, dos quais seis são pagantes. A turma de Guilherme, João e Dora, quando completa, tem seis alunos ao todo. Dora é a caçula, com 2 anos.

“O desenho dela mudou bastante com o tempo”, diz o pai, Paulo Leonardo, que acompanha a pequena de vez em quando nas atividades. “É bom ficar por perto, mas já estou começando a deixar ela mais solta, sem minha presença”. Ele e a mãe são artistas plásticos.

A menina fica com os mais velhos, e duas colegas “menos velhas”.

Quando não havia video game, os alunos pareciam mais afeitos aos desenhos

É ansiosa por desenhar, vai melando o pincel antes da professora entregar o papel. Se não chegasse a tempo, pintaria a mesa mesmo. Enquanto isso, João finaliza um cachorro-helicóptero com dois passageiros e feito com hidrocor marrom.

As crianças normalmente chegam por indicação de psicólogos ou porque os pais foram ex-alunos. Também, no caso de Dora, por indicação de professores da Universidade Federal de Pernambuco. E não é de se espantar, já que a Escolinha é reconhecida por várias instituições do país; como a Escola de Arte do Brasil (Rio de Janeiro), o Museu Pampulha (Minas Gerais) e a InSEA (Sociedade Internacional para Educação Através da Arte, sediada em Paris).

Foi revendo cartas dessas instituições, revirando os arquivos antigos da escola, que eles puderam tirar o salário do mês. “Estava tudo uma bagunça por aqui, uma amiga minha disse que fedia a mofo e que não colocaria sua filha na escola porque ela é alérgica”. A partir daí, o diretor resolveu organizar as antigas gavetas. No meio da bagunça, alguns cheques de antigas mensalidades somavam R\$ 1.580. “Foi uma surpresa, a professora Cleonice tinha esquecido de levar ao banco para depositar, fazia tempo que estavam aí”, conta Melquiades. “Nós estamos sobrevivendo”.

A professora Cleonice Regis ria do fato. Ela recebe aposentadoria e também põe dinheiro próprio para sustentar a escola. É a mais antiga em atividade, trabalha há mais de 40 anos. Passou por tempos em que a escola vivia lotada e os alunos, sem video game e outros aparelhos eletrônicos, lhe pareciam serem mais afeitos aos desenhos. “Os alunos de hoje não se melam”, assegura.

Cleonice Coloca na mesa, um a um, desenhos mais antigos, até 1990. Aponta que eram mais trabalhados, mais preenchidos que os de hoje. Quanto à roupa suja, a professora Zenaide Ramos conta do cuidado que algumas crianças têm. “Dizem que as mães não deixam sujar, porque vão para o shopping”.

Zenaide trabalha desde 1998 na Escolinha, foi orientada pela antiga diretora e fundadora Noêmia Varela — um dos maiores nomes da arte educação pernambucana, hoje com 95 anos. Nessa época, a escola tinha 120 alunos, com 58 bolsistas; ainda assim já precisava de dinheiro. Nada até agora a impediu de funcionar todas as tardes. Ininterruptos 59 anos.

Quando eu crescer, eu quero...



Foto: Divulgação

TEATRO O musical infantil Caxuxa faz o público viajar nos sonhos

LIS VERAS

Ser astronauta, modelo, atriz, jogador de futebol. Morar na lua, dirigir um foguete, dançar como uma bailarina. Os sonhos, durante a infância, refletem os desejos e metas que a criança vai seguir na vida, além de ser sempre uma lembrança gostosa dos tempos que não voltam mais. Quem não recorda? O psicólogo Helder Travassos, 51, lembra que quando criança, ele e suas irmãs sonhavam em morar em um sítio. “Elas brincariam de boneca, e eu andaria a cavalo como o Zorro”, sorri.

Já a aposentada Inês de Freitas, 83, queria “casar e ter vários filhos para amar”. Hoje, dona Inês diz sonhar apenas com o descanso eterno ao lado de seus parentes que já faleceram. “Era um desejo enorme casar com um homem amável, que seja um bom pai e marido”, comenta.

A infância é onde moram nossos sonhos mais perenes. Brincar de sonhar quando criança é viajar com a imaginação. Essa ideia é o coração do espetáculo musical Caxuxa. Nele, quatro crianças e um homem cego que vivem na rua buscam amenizar a dura realidade através dos sonhos.

Cada personagem tem sua vez de sonhar. Crianças e cego, vivem seus sonhos intensamente. Levam a plateia até o espaço, num foguete imaginário. Transforma cobertor em vestido, meninas de rua em ricas e famosas. Com o texto original de Ronaldo Ciambroni, a peça é dirigida pelos atores Livia Falcão e Cláudio Ferrário.

A atriz Natascha Falcão vive a personagem Graxa no espetáculo. Ela diz que a delicadeza contagiante dos sonhos de Caxuxa mudou sua forma de viver e de ver os próprios sonhos. “Caxuxa, Sacola, Caracol, Zé e Graxa trouxeram alegria e beleza a mais para minha vida. Todos os adultos também deveriam sonhar, dando liberdade à fantasia que povoa em si mesmo”, explica.

Danos de uma má alimentação

ELLEN COCINO

Matheus Fonseca tem 12 anos e é viciado em doces. E esse, como todo vício, tem consequências. No caso de Matheus, essas consequências são 15 quilos acima do peso. O caso dele faz parte de uma realidade que cresce no Brasil: a má alimentação infantil. Todos os dias, a mãe dele, a advogada Carla Tales, alerta o filho sobre o excesso de açúcar.

“Eu tento explicar que agora ele está em fase de crescimento, que é mais fácil perder peso, mas ele não me escuta. Acho que tenho uma parcela de culpa nisso, pois é difícil dizer não a um filho”, diz. De acordo com dados da Associação Brasileira de Diabetes, o corpo humano precisa, diariamente, de 21 a 30 gramas de fibras, de 50% a 60% de carboidratos do valor calórico total, e de 15% a 20% de proteína. Muitas crianças consomem açúcar e gorduras ao invés de proteínas e fibras saudáveis. O resultado disso é obesi-

dade, colesterol alto, diabetes e outras comorbidades.

Uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 aponta o aumento do percentual de crianças com sobrepeso e obesidade no país, especialmente na faixa dos 5 aos 9 anos de idade. A obesidade foi detectada entre 16,6% dos meninos e 11,8% das meninas. De acordo com a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (ABESO), a obesidade infantil aumentou cinco vezes nos últimos 20 anos.

A análise da nutricionista Luana Amorim, especializada em nutrição infantil, aponta vários fatores no comportamento alimentar das crianças. E, se tratando de alimentação, a máxima de que “é de pequenino que se torce o pepino” é correta: crianças com maus hábitos na infância dificilmente serão adultos saudáveis. Afinal, é na infância que são construídos os valores, comportamentos e preferências.

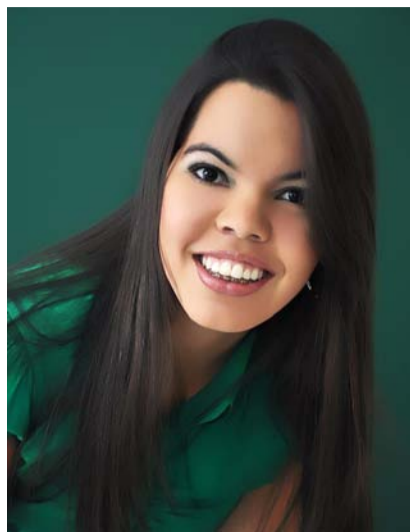


Foto: Ellen Cocino

NUTRICIONISTA Para Luana Amorim, “a melhor solução é variar o cardápio”

Luana aconselha a usar a criatividade para chamar atenção dos menores. Decorar os pratos é uma alternativa. “Fazer com que as crianças comam de forma saudável não é fácil. Experimente novas receitas e alimentos e não esqueça que, para melhorar a alimentação de seu filho, é preciso,

antes de qualquer coisa, melhorar os hábitos alimentares da sua casa”, alerta a nutricionista.

O professor de educação física Paulo Roberto lembra que o exercício, aliado a uma dieta balanceada, é essencial para o desenvolvimento adequado das crianças. “Além de estimular a alimentação adequada é preciso limitar o uso da TV, do videogame e do computador. A prática regular de exercícios físicos traz vários benefícios, inclusive o equilíbrio metabólico”, explica Paulo Roberto.

O segredo é mesmo o equilíbrio. Dá para fazer de tudo, desde que com moderação. O ideal é unir o saudável e o gostoso. Mas se não der, vale colocar regras, impor alguns limites, como por exemplo restringir doces e frituras aos finais de semana; videogame e computador só uma hora por dia. Agora, eles podem até achar ruim, mas, no futuro – certamente mais saudável – vão agradecer.

Pequenos também são reféns da moda

REBECA SILVA E POLLYANA PEREIRA

Vestidinhos mimosos com grandes botões e vistosos laços. Sapatinhos de bico arredondado e envernizados. Estes elementos fizeram parte da vida de toda criança até a década de 1980. De lá para cá, muita coisa mudou. A forma de ver, tratar e entender as crianças variou muito ao longo dos tempos. Intitulados como “fashions”, a garotada aderiu ao jeans, saias curtas, blusas decotadas, muitos acessórios e até salto alto.

Versace, Marc Jacobs, Alexandre Herchcovitch e Ronaldo Fraga são marcas luxuosas de roupas. Todas resolveram ampliar seu público e vestir crianças com suas criações. A consequência foi uma movimentação, em 2002, de R\$ 4,8 bilhões, segundo o Sindicato do Comércio Atacadista de Tecidos de São Paulo. O crescimento, no entanto, causa antagonismos entre as pessoas. Há quem diga que a moda está ultrapassando o bom senso e há quem diga que a prática estimula a sexualidade antes do tempo.

Sempre muito vaidosa, Giovanna da Silva, 5 anos, não sai de casa sem minissaias ou shorts, que são seus preferidos. Mesmo criança, a menina possui uma coleção de bolsas



Foto: Rebeca Silva

VAIDADE As crianças já estão inseridas no mundo *fashion*

e calçados maior que a de sua mãe. “Tenho sete bolsas. Todas diferentes para combinarem como meus 15 sapatos,” afirma.

Para a design de moda infantil, Allana Gama, uma roupa não estimula a erotização da criança. “É a educação que os pais estão dispostos a dar”, diz. Mas fica difícil de negar que, com tanta informação destinada aos pequenos, o fenômeno da incorporação da criança à sociedade de consumo faz a erotização surgir a cada dia mais cedo.

Para a psicóloga Cristina Lotasi, as tendências atuais interferem no comportamento da garotada. Muitas, segundo ela, acabam tendo a infância interrompida pelo amadurecer precoce. “Hoje é cada vez mais recorrente ver meninas de 7 a 11 anos agindo como adultas. Ganhar brinquedo é uma ofensa. O presente bem-vindo são roupas, acessórios e maquiagens”, diz Cristina. Outra consequência, segundo a psicóloga, é o aumento do número de mães cada vez mais novas. São crianças cuidando de crianças”, conclui.

PÚBLICO MIRIM EXIGENTE

Foi-se o tempo em que festa para criança se resumia aos aniversários e as farrinhas em datas comemorativas nos colégios. Os pequenos ficaram mais exigentes na hora de sair de casa. Prova disso é o surgimento de um mercado tão novo quanto os seus consumidores e que ainda, em pouco tempo, vem demonstrando um potencial de crescimento enorme.

As produções culturais voltadas para o público infantil têm dado os seus primeiros passos em Pernambuco e empresários do ramo de eventos que antes voltavam seus trabalhos para o público de jovens e

adultos acharam uma forma de crescer junto com os seus consumidores.

Mãe de duas meninas, a administradora Bruna Monteiro foi uma das primeiras na cidade a enxergar o potencial dessa área e decidiu como ela mesma diz: “entrar com tudo no universo infantil”.

Bruna foi uma das responsáveis pelo Mini Fantasy da Cachaçaria Carvalheira, que de tanto sucesso acabou rendendo uma grife de festas infantis.

Além de agradar aos pequenos, as produções têm que estar preparadas para cumprir com as exigências dos pais, que não são poucas: área para o soninho, para amamentar, fraldário, entre muitas outras coisas.

Para Josineide Eschbach, mãe do pequeno Paulo de apenas 3 anos, eventos como esses não são apenas uma forma de diversão, mas também estender o círculo de conhecimento dos pequenos. “Nós adaptamos a vida dos nossos filhos à nossa rotina, e isso acaba limitando-os”, relata.

E para não deixar ninguém de fora da diversão, os produtores desses eventos já começaram a ir além, e pensam, inclusive, em criar uma área especial para o entretenimento dos pais dentro da festa das crianças.

A erotização na musicalidade brasileira

RAISSA D'ASSUNÇÃO

A presença de músicas repletas de erotismo explícito é cada vez mais familiar na vida de crianças e adolescentes. Eles cantam e dançam as canções, cujo conteúdo com conotação sexual é mais consumido entre meninos e meninas, da faixa dos 12 aos 15 anos de idade. Que influência essas músicas têm no desenvolvimento das crianças? Como as letras podem mexer com o comportamento delas?

Para a psicóloga Danielle Spíndola, a adolescência é o momento em que acontece a construção da identidade. Esse período precisa de referências para seguir. Segundo ela, a música, o cantor ou cantora podem assumir uma posição de referencial, como alguém em quem a criança irá se projetar. Querer incorporar aspectos da personalidade

desses músicos pode influenciar positiva ou negativamente no desenvolvimento da criança.

Antigamente, a forma como os pais instruíam seus filhos era diferente dos tempos atuais. Hoje, bandas de pagode e axé fazem com que as crianças se espelhem em músicas de cunho sexual sem saber exatamente do que se trata. O professor Alexandre Amorim, que dá aula para crianças de 12 a 14 anos sobre sexualidade, afirma que o problema está nos valores morais.

“Temos uma geração de crianças que está sendo jogada em um mundo sexual, onde não existe mais respeito por si mesmo e pelo próximo”, diz. Para ele, os efeitos dessa exacerbação da sexualidade pode acarretar uma geração de adultos menos comprometidos com os valores do corpo, do amor e “do próprio sexo como fator natural da vida”.



Foto: Marcela Balbino

ADOLESCENTES Namoro começa cada vez mais cedo

NA WEB

A internet é a maior fonte de busca para as crianças. Uma vez que não há um controle de faixa etária, é fácil acessar o conteúdo erótico em blogs e portais. No entanto, cabe principalmente à família averiguar o que os jovens estão acompanhando e deixar claro que existem limites. “Na escola fazemos a nossa parte, mas não adianta aconselhar e repreendê-los se,

em casa, eles encontram tudo novamente”, explica Alexandre Amorim. As músicas que incitam a descoberta da sexualidade influenciam também no desenvolvimento físico dos ouvintes. A puberdade é adiantada, o contato corporal é feito mais cedo.

O estudante P. S., de 12 anos, conta que a atração pelas músicas é devido ao caráter escrachado das letras, que eles acham engraçadas.

“E também as coreografias, que são muito sensuais”, confessa.

Para o músico Daniel Rangel, a indústria musical brasileira é a maior culpada. O interesse pelo dinheiro, teoricamente fácil de se ganhar neste mercado, faz com que apareçam diversos “artistas”, seguindo fórmulas e padrões para se criar uma música fácil e que traga o retorno desejado. “Acho que sucesso é igual a dinheiro, os cantores não têm senso crítico para perceber o quão estragado está o cenário da música”, conclui Rangel.

Não há previsão para reverter a situação. Para o Amorim, um bom começo é a criação de ONGs voltadas à cultura. “O campo de ação é imenso. Existem muitas localidades que podem ser trabalhadas, principalmente nas camadas mais baixas da sociedade”, comenta.

Criança, alvo do consumismo precoce

PRISCILLA COSTA

Por estarem em fase de desenvolvimento e não terem discernimento sobre a complexidade do mundo publicitário, as crianças acabam tornando-se alvos fáceis e suscetíveis ao desejo excessivo de terem cada vez mais.

Para o psicólogo infanto-juvenil Bartholomeu Nigro, seja do carro a casa “o foco sempre é a criança. A publicidade usa a linguagem delas, através de efeitos especiais e animações, porque hoje se sabe que 70% da influência de compra dentro de uma casa vêm dos pequenos”.

Por passarem mais tempo em casa, frequentemente em frente à televisão, as crianças ficam mais volúveis à influência das propagandas de publicidade. De acordo com estudos realizados em 2008 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a criança brasileira é a que mais assiste à televi-



Foto: Priscilla Costa

INFLUÊNCIA Publicidade também interfere na alimentação, acarretando problemas de saúde

são no mundo, num tempo médio de 5 horas por dia.

Para Natália Nogueira, mãe de Leonardo, 5 anos, a influência não vem só do ambiente domiciliar. “Por mais que eu tente intervir na programação que ele assiste, há o convívio com os colegas da escola. É sempre assim: seu filho vê o amiguinho com o produto já com-

prado e, aí, desperta a vontade de ser igual.”

De acordo com Bartholomeu Nigro, esse mundo de valores difere, muitas vezes, do grupo social no qual a criança está inserida. “A publicidade, por atingir crianças de todas as classes, provoca um sofrimento para as menos favorecidas financeiramente. Muitas vezes, as

condições destas, não permitem que haja um acompanhamento com as demais crianças”, salienta o psicólogo.

ALIMENTAÇÃO

Mas não é só o consumo material que está em jogo. A indústria alimentícia também tem as crianças como alvos preferidos. E a inges-

tão de produtos não saudáveis é um fator agravante que pode desenvolver o aumento da obesidade infantil e doenças crônicas como diabetes e hipertensão.

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), 80% da publicidade de alimentos dirigidos ao público infantil são calóricos, de alto teor de açúcar e gordura, além de serem pobres em nutrientes. Em 2006, a Anvisa comprovou que 30% das crianças brasileiras já estão com sobrepeso e 15% são obesas.

Para a endocrinologista pediátrica Georgeanne Neves, esta situação está ligada à falta de informação por parte dos pais. “O consumo excessivo de alimentos industrializados, associado ao sedentarismo da criança, a torna um ser humano obeso precocemente. Cabe aos pais, mostrá-los que, apesar de saborosos, esses alimentos não são nutritivos”, aponta.

Cidadania passa pela classificação indicativa

HERCULES LIBERAL

Mídia e infância: o impacto da exposição de crianças e adolescentes a cenas de sexo e violência na televisão. Esse é o título de uma pesquisa recém publicada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) e Entrevistas, que mostram os principais estudos elaborados em diversos países sobre a influência da mídia na vida das crianças e adolescentes. A maioria dos estudos concluiu que o conteúdo inadequado da televisão no cotidiano de adolescentes pode gerar sérios danos, como “comportamentos de imitação, agressão, medo, ansiedade, concepções errôneas sobre a violência real e sexualização precoce”.

A gravidade do tema fez com que a sociedade brasileira inserisse na Constituinte de 1988 o conceito de Classificação Indicativa. De lá para cá, foi travada uma dura luta entre o Ministério da Justiça e os interesses corporativos da mídia nacional, em espe-

cial a televisão.

A Classificação Indicativa define a adequação dos horários de exibição dos programas televisivos. Segundo a advogada Ekaterine Karageorgiadis, do Projeto Criança e Consumo, do Instituto Alana, essa é a maneira “mais eficiente de informar pais e responsáveis sobre o que é ou não indicado para ser assistido pelas crianças”. O professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Laurindo “Lalo” Leal, afirma que a medida ajuda a minimizar os males causados pela exposição ao conteúdo. “As crianças e os adolescentes ficam mais protegidos”, diz Lalo.

Responsável pela Classificação Indicativa, o Dejus, órgão do Ministério da Justiça, é dirigido por José Eduardo Elias Romão, cujo trabalho foi acusado de ser uma “ilegítima interferência do Estado na responsabilidade familiar de educação da criança.” Não raro, Elias Romão também é acusado de copiar a censura dos tempos da ditadura. So-



Foto: Sindsep-PE

PROTEÇÃO Para Lalo, a classificação indicativa minimiza danos

bre essa questão, ele costuma declarar que a classificação, por ser indicativa, surge para afastar a censura. E diz: “Um órgão que só tem o poder de indicar, mas não tem autoridade para punir ou policiar, não pode exercer censura.” Romão explica ainda que, se inadequado, o produto de televisão é classificado e vai ao Ministério Público, de onde poderá ou não passar para análise do Judiciário. E mesmo assim, nem sempre há punição.

LOBBIE

Há mais de dez anos, tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei (PL) 5.921, que prevê veto à propaganda infantil. Contra o projeto, se mobilizam poderosos lobbies das indústrias, principalmente de alimentos, e publicitários. Acusam o PL de fonte de “autoritarismo”, contrário “à liberdade de informação” e de querer substituir os pais na escolha do que pode ser visto pelos filhos. Ao mesmo tempo, tentam seduzir

o consumidor para a ideia da autorregulação, mediante campanhas do tipo “Somos Todos Responsáveis”.

Os empresários de televisão argumentam que as famílias consumidoras já têm os instrumentos de proteção, como o Conar, o Código de Defesa do Consumidor e a Constituição Federal, o que dispensaria, portanto, a regulação fora do âmbito empresarial. No entanto, o método sempre esbarra no inconciliável conflito entre a proteção da criança e os interesses corporativos das grandes empresas.

DEFESA DA CRIANÇA

Instituições ligadas à educação e à proteção infantil, como o Instituto Alana, também defendem a proibição de todo tipo de publicidade direcionada a crianças. De acordo com a coordenadora da entidade, Isabela Henriques, até os 12 anos as crianças não sabem analisar criticamente as mensagens, e as recebem como dados da realidade.

Trabalho destrói a infância

FELIPE PIAUILINO

O trabalho infantil é um dos “calos” que o Brasil tem de resolver para alcançar a condição de país desenvolvido. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, cerca de 3,5 milhões de brasileiros, entre 6 e 15 anos de idade, exercem algum tipo de atividade remunerada.

A legislação brasileira, no inciso 33 do artigo 7º da Constituição Federal, proíbe o trabalho noturno ou perigoso a menores de 18 anos. Para quem tem entre 14 e 16 anos, o ofício só é permitido na condição de aprendiz.

Especialistas sobre o tema caracterizam como trabalho infantil qualquer atividade, remunerada ou

não, que venha a comprometer o desempenho escolar e cultural do menor.

A assistente social Rita de Cássia, do Centro de Referência em Assistência Social (Cras) de Prazeres, Jaboatão dos Guararapes, reforça a ideia de que lugar de criança é na escola. “Eles têm de estudar, fazer os trabalhos escolares, assim serão preparados para tornar-se um adulto exemplar”, afirma.

Uma jornada de trabalho de oito, dez ou doze horas diárias, influencia profundamente na capacidade intelectual da criança, uma vez que o estudante não consegue se dedicar aos estudos e, futuramente, pode ter dificuldades no mercado de trabalho. Também há a questão da saúde física e emocional: a maioria dos

pequenos trabalhadores não têm atendimento médico.

PETI

Para combater a exploração da mão de obra infantil, o governo federal brasileiro criou, em 1996, o Peti, Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil. O Peti é integrante do Sistema Único de Assistência Social (Suas). Por isso, as crianças e adolescentes que participam das atividades do Peti estão inscritas no Bolsa Família, programa federal de transferência de renda para os pais e as mães dos beneficiários.

Além disso, as famílias têm acompanhamento psicológico mensal das equipes do Cras e do Centro de Referência Especializado de Assistência Social.

Dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS)

É considerado trabalho infantil qualquer atividade, remunerada ou não, que comprometa o desempenho escolar

revelam que o Peti atende a mais de 800 mil jovens, em mais de 3,5 mil municípios brasileiros. O objetivo do programa é proteger a criança e o adolescente contra as

formas de exploração do trabalho, e contribuir para o desenvolvimento integral dos assistidos.

Em Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropolitana do Recife, a Prefeitura dispõe de 24 unidades do Peti, divididas nas sete regionais do município. Para a supervisora de área da Regional 5 - Prazeres, Kelly Souza, ajuda bastante o fato de que o projeto esteja instalado nas comunidades. “A unidade permite o fácil acesso para as crianças, e também nos deixa mais próximos da realidade do local”, diz. As instalações são equipadas com aparelhos de televisão, DVDs, sistema de som e material didático, que é utilizado sob a orientação de instrutores.

Além do Peti, denúncias de casos de exploração do trabalho infantil também podem ser feitas no Conselho Tutelar.